



NOTICIAS INTERNACIONALES

BRASIL.....	2
Precio del ganado y de la carne bovina aumentaron un 20% en 2010. Baja de la oferta y recuperación de la demanda tanto externa como local, explica la tendencia alcista	2
Recuperación: Exportaciones y consumo de carnes bovinas denotan una tendencia creciente	2
Alzas en los precios de la carne se mantendrán hasta inicios de 2011.....	3
Crisis de la industria exportadora argentina será provechosa para Brasil.....	3
Reapertura del mercado estadounidense: se espera una misión técnica para analizar si se cumplen con sus exigencias. Presiones en Estados Unidos para no considerar a Santa Catarina como estado libre de aftosa	4
Gobierno ofrece ayuda para que los frigoríficos en dificultades se fusionen y mejoren su gestión. Resistencia en el sector empresarios que considera difícil que sea llevado a la práctica.....	4
Apex-Brasil renueva convênio con Abiec para promover la imagen de la carne brasileña en el exterior ..	5
SISBOV se analizan nuevos cambios que entrarán en vigor en 2011. La intención es que el sistema permita ampliar los predios autorizados para la UE. Hoy son 2181	5
AFTOSA.....	6
Brasil acuerda trabajar en forma conjunta con Bolivia, Ecuador y Venezuela en la erradicación de la enfermedad. Opinan que no es conveniente interrumpir la vacunación en Rio Grande do Sul.....	6
Status sanitario de los estados brasileños.....	7
URUGUAY.....	7
Hay estabilidad en faena bovina y un ajuste de precios.Podría subir ganado gordo tras las lluvias. Se retrasó el engorde y falta volumen	7
Venezuela facilita entrada de productos uruguayos. Se acordó agilizar los requisitos para la certificación de los frigoríficos locales para carne bovina.	8
Rusia comenzó a comprar más carne y precios subieron un 15% Es el principal importador y cuotas vencen en noviembre	8
MGAP subsidiará cría vacuna Recibe propuestas de planes y aportará entre U\$S 300 yU\$S 4.000.....	9
Habrá 300 mil terneros menos. El cálculo surge de la caída en la entrega de caravanas que registró el Sistema de Identificación y Registro Animal	10
Nuevo sistema de cajas negras. A partir del 1º de setiembre empieza el Sistema Electrónico de Información de la Industria Cárnica.....	10
Banco Mundial realizó un informe con opciones de políticas para el agro Entre sus sugerencias se contó con la de integrar trazabilidad e inocuidad	10
Egipto habilitará mercado para carne ovina con hueso. Misión sanitaria visitó 9 frigoríficos	11
Gremiales lecheras divididas sobre uso de la somatotropina Hormona. Le piden a MGAP que se prohíba	11
ESTADOS UNIDOS	12
Ganaderos opinan que el proyecto para modificar el organismo de control comercial G.I.P.S.A. es demasiado vago.	12
Una comisión especial ha desarrollado seis nuevos cortes bovinos	12
VARIOS	13
FILIPINAS habilitó el ingreso de carnes bovinas desde el REINO UNIDO después de una década de prohibición.....	13
JAPON reduciría su consumo e importación de carnes bovinas como consecuencia a cambios demográficos	14
RUSIA flexibilizó las condiciones impuestas sobre las importaciones de carnes bovinas de origen irlandés, elevando el límite de edad para las pruebas de BSE.....	14
CHINA espera un incremento en el consumo de carne procesada	14
CHINA –Confirman nuevos casos de fiebre aftosa.....	15
Desarrollan un test para detectar de forma más rápida la presencia de E. coli en carne de vacuno.....	15
EMPRESAS DEL EXTERIOR	15
JBS: su presidente afirmó que la concentración de la industria no perjudica a los ganaderos brasileños	15
Empresa brasileña adquirirá Burger King: la empresa anunció un acuerdo con 3G Capital por un monto de 4000 millones de dólares.....	16



BRASIL

Precio del ganado y de la carne bovina aumentaron un 20% en 2010. Baja de la oferta y recuperación de la demanda tanto externa como local, explica la tendencia alcista

Cepea 03/09/ 10 A combinação de desestímulo do pecuarista nos últimos dois ou três anos com estiagem severa resulta, já há alguns meses, em oferta relativamente pequena de animais para abate, segundo pesquisas do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP. Não bastasse esse fundamento, também a demanda nacional e externa dá sinais de aquecimento, resultando em forte impulso dos preços do boi e da carne. O Indicador do Boi Gordo Indicador ESALQ/BM&FBovespa se mantém em trajetória ascendente desde meados de maio e a carne no atacado da Grande SP, desde final de julho.

Somente em agosto, o Indicador acumulou alta de 7,3% – a maior para o mês desde 2002, conforme dados do Cepea. No balanço de 2010, a valorização da arroba é de quase 20%. Para a carne (carcaça casada do boi), o acumulado mensal foi de 6,86%, no ano, de 18%.

Nessa quarta-feira, o Indicador ESALQ/BM&FBovespa (SP, à vista, CDI, com 2,3% de Funrural) fechou a R\$ 92,88. A média de SP a prazo foi de R\$ 93,76, alta de 1,05% no dia, após ter acumulado ganho de 7% em agosto. Frigoríficos paulistas consultados pelo Cepea seguem comprando animais em outras regiões, recebendo lotes contratados e também abatendo animais de confinamentos próprios. No entanto, esse volume não tem sido suficiente para preencher as escalas de abate. Com isso, o comportamento que predomina é de alta dos preços da arroba.

Em muitas regiões, as negociações à vista continuam largamente se sobrepondo às vendas a prazo. Tem chamado a atenção também o fato de os preços à vista ter curiosamente se igualado ou mesmo superado aqueles ofertados a prazo. Isso se deve à maior urgência para preenchimento de escalas e à preferência de vendedores para recebimento à vista, quando não antecipadamente ao abate.

No atacado da Grande São Paulo, operadores identificam ligeiro desaquecimento da demanda por carne bovina nos últimos dias, que estaria migrando parcialmente para outras carnes. Ainda assim, os preços dos cortes com osso seguem firmes. As atuais cotações estão próximas de superar os maiores preços (nominais) já registrados pelo Cepea, em outubro de 2008. Nessa quarta-feira, a carcaça casada do boi foi negociada a R\$ 5,92/kg – em meados de out/08, a média nominal foi R\$ 5,94/kg. Em termos reais (valores deflacionados pelo IGP-DI de julho/10), a maior média mensal, de R\$ 5,93/kg, também foi verificada em outubro de 2008.

Recuperación: Exportaciones y consumo de carnes bovinas denotan una tendencia creciente

Jornal do Comércio 01/09/10 Após sofrer em 2009 com os efeitos da crise internacional, registrando grandes perdas de receita e volume exportado, a carne brasileira está novamente gerando lucros para indústrias e produtores. Com os preços pagos mais elevados devido à falta de oferta no mercado global, o setor vem recuperando as perdas do ano passado, e já cria expectativas otimistas para o futuro.

De um modo geral, a carne brasileira não tem conseguido obter volumes de exportação muito elevados em comparação com 2009.

A expansão da receita obtida com o produto deve-se principalmente ao aumento dos preços internacionais. "Mesmo com o câmbio valorizando nossa moeda, o que prejudica a competitividade do produto brasileiro, a falta de oferta no mercado internacional vem contribuindo para manter os valores pagos num nível interessante", afirma José Vicente Ferraz, diretor da consultoria AgraFNP.

Segundo a Abiec, embora o ritmo de exportações neste ano, se comparado com o de 2009, esteja acelerado, ele ainda apresenta lentidão para recuperar os números de 2008, quando o Brasil exportou 2,5 milhões de toneladas e obteve uma receita cambial de US\$ 5,3 bilhões. A expectativa da entidade para 2010 é de que o crescimento da receita fique em torno de 20% em relação ao ano passado. Em 2009, foram registrados US\$ 4,118 bilhões em vendas externas, com um volume de 1,245 milhão de toneladas.

Os resultados positivos registrados em 2010 já estão tendo reflexos também nos ganhos dos produtores. "O preço do boi no Brasil também se elevou, então hoje os frigoríficos pagam mais e vendem por um preço maior, e como em muitos países somos o principal fornecedor estamos conseguindo fazer repasse dos custos", explica Péricles Salazar, presidente da Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo).

Consumo brasileiro também está em alta

A elevação dos preços da carne acontece em outro momento positivo do setor, quando o número de animais do rebanho nacional está se recuperando da queda provocada entre 2004 e 2007 pelo abate de matrizes, situação gerada pelas condições climáticas adversas e ganhos reduzidos dos produtores. Com mais oferta, os frigoríficos estão conseguindo suprir a demanda crescente, não só do mercado internacional, mas do consumo brasileiro. "O mercado interno está muito positivo, pois com os aumentos



dos salários e da renda a população está consumindo mais carne", diz Gustavo Aguiar, analista da Scot Consultoria.

No Rio Grande do Sul, a recuperação do rebanho tem levado a indústria a aumentar os abates, que deverão crescer 20% em 2010. Segundo Ronei Lauxen, presidente do Sindicato da Indústria de Carnes e Derivados do Estado (Sicadergs), o Estado está recorrendo menos à carne de outras regiões do Brasil para garantir seu abastecimento. "Em 2009, 30% do produto consumido aqui vinha de outras regiões, agora esse índice caiu para 15%", afirma.

Para a indústria nacional, as perspectivas do mercado interno para o futuro são excelentes, mas é necessário expandir a produção. Atualmente, segundo Péricles Salazar, o consumo brasileiro de carne bovina é de 37 quilos per capita por ano. "Se aumentar em um quilo esse índice vai faltar boi para atender aos consumidores", aponta Lauxen.

Alzas en los precios de la carne se mantendrán hasta inicios de 2011

Fonte: A Tribuna 01/09/10 Na balança dos açougues e nas gôndolas de supermercado, o aumento no valor da carne bovina registrado em agosto deve perdurar até o início de 2011. A entressafra – período em que faltam pastos para os animais por conta do tempo seco – é a principal responsável pela variação de preço, apontada na cidade como próxima dos 20% de aumento.

De acordo com a nutricionista e proprietária do Açougue São João, no Mercado Municipal, Débora Ubisses Puga, o segundo semestre do ano representa queda na produção pecuarista e maior custo na produção da carne de corte. De agosto a dezembro, a temporada sem chuvas desfavorece o setor.

"Com o tempo seco e a falta de pastos, os animais acabam ficando confinados. Isso encarece o produto final", explica.

A ponta de alcatra, de primeira, registrou aumento de 8% este mês (de R\$ 11,90, passou a custar R\$ 12,90). O miolo de acém, que custava R\$ 8,99 no início de agosto, agora equivale a R\$10,90/kg. No açougue, a variação chega a R\$ 1,50 para carnes de segunda e R\$ 1 para carnes de primeira, os cortes nobres. "Até o fim das festividades de Natal e Réveillon, o preço deve se manter. É a oportunidade que os produtores têm para recuperar as perdas dessa entressafra", argumenta.

O comerciante Álvaro Dias busca variar seu paladar na hora das compras. "Quando a carne vermelha sobe um pouco, acabo procurando outras alternativas, como a carne de frango e de porco", comenta o vendedor. "Em casa não deixo faltar o alimento. É difícil encontrar algum produto que sobreponha o valor nutricional da carne", explica Dias.

A queda no volume de vendas do açougue fica numa margem que varia de 10 a 30%. Cortes mais populares, como carnes cozidas e de panela, mantém o caixa equilibrado. "As carnes de segunda acabam sendo inflacionadas por essa menor procura dos cortes nobres. O mercado busca se equacionar", afirma Débora.

Segundo a nutricionista, o clima quente requer cuidados extras com armazenagem do produto. "A carne perde mais água nesse período. É preciso que o consumidor se atenha a esse detalhe na hora das compras. As condições de pesquisa não devem se pautar somente no preço, e sim na qualidade. Os próprios açougues acabam sendo prejudicados com esse fator, já que necessitam ter mais atenção na armazenagem do produto".

Crisis de la industria exportadora argentina será provechosa para Brasil

31/08/2010] A séria crise vivida pela Argentina no setor pecuário afeta o Brasil. De um lado, é bom para a consolidação do produto brasileiro no mercado externo -a Argentina, tradicional exportadora de carne de qualidade, pode deixar parte desse mercado para os brasileiros.

Ao entrar em mercados antes ocupados pela Argentina, o Brasil tem chance de mostrar o avanço da qualidade do produto nacional e receber mais por ele, o que já vem ocorrendo.

Uma participação maior do Brasil no mercado externo traz a chance de o país vender cortes diferenciados e com maior remuneração.

Essa melhora no valor da carne deveria, em tese, pode se converter também em remuneração para o pecuarista. Isso está ocorrendo. Demanda interna aquecida e retorno das exportações, em um período de poucos animais para abate, elevaram os preços internos da arroba para R\$ 92, ontem, no Estado de São Paulo, preço 15% maior do que o de há um ano.

De outro lado, o consumidor pode esperar, aos poucos, aumento real no preço da carne. À exceção do Brasil, os demais grandes produtores - Austrália, Argentina e EUA - têm sérios problemas na produção.

Esses problemas passam por limitação de áreas e restrições impostas pelo Governo às exportações, como na Argentina, mudanças climáticas, na Austrália, e elevação de custos, nos EUA.

A situação no Brasil, no entanto, não é tão tranquila. A política de incentivos do governo a grandes instituições está deixando para trás uma série de pequenos frigoríficos de portas fechadas. Em Mato



Grosso, que tem o maior rebanho nacional, 13 dos 39 frigoríficos estão parados. A redução de unidades compradoras pode diminuir o poder de negociação dos pecuaristas.

A matéria é de Mauro Aafalon, publicada na Folha de S.Paulo, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Reapertura del mercado estadounidense: se espera una misión técnica para analizar si se cumplen con sus exigencias. Presiones en Estados Unidos para no considerar a Santa Catarina como estado libre de aftosa

30/08/2010] A credibilidade dos produtos de origem animal brasileiros está em xeque nos Estados Unidos. O estopim do problema foi o excesso do vermífugo ivermectina contido na carne bovina enlatada exportada para aquele País, em 14 de maio. Por uma decisão do governo brasileiro, as vendas foram suspensas, mas agora quem quer comprovar se os níveis do produto estão dentro dos padrões são os americanos, que virão ao Brasil, a partir da próxima terça-feira, para constatar de perto se houve avanços. A situação já preocupa os empresários de áreas afins e foi usada por uma organização não-governamental (ONG) americana, a Food and Water Watch, como mote para pedir a retirada do Brasil da lista dos países com aprovação automática de exportação de produtos de carne.

Mais do que isso, a ONG aproveitou o embalo para pedir que o departamento de agricultura (USDA, na sigla em inglês) não considere mais Santa Catarina como Estado livre de febre aftosa sem vacinação, status que recebeu em 2007 da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE). A alegação foi a de que poderia haver uma eventual expansão das importações brasileiras de carne fresca depois do problema com a carne enlatada. "Esse episódio prejudicou a credibilidade do Brasil e poderemos ter problemas na aprovação das fábricas de suínos pelos americanos", considerou o presidente da Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína (Abipecs), Pedro Camargo Neto.

Atualmente, o Brasil não vende o produto para os Estados Unidos, mas a expectativa é a de que, a partir do próximo mês, o país abra seu mercado para a carne suína nacional. Para isso, americanos irão até a região Sul, onde se concentra a maior produção, para inspecionar as indústrias do setor. Camargo Neto explicou que, em termos de volume, não se aguarda uma grande venda para os EUA, que são grandes produtores. O interesse nesse novo mercado é o de deixar uma porta aberta para futuras comercializações. Os produtos que devem ter mais saída nos EUA são, de acordo com o presidente da Abipecs, costela e bacon, por conta dos preços competitivos dos produtos brasileiros.

O secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura, Francisco Jardim, assegurou que os exames realizados em novas peças de carne brasileira já foram feitos e apresentaram um padrão condizente com as exigências americanas. Ele evitou, no entanto, dar mais detalhes sobre o tema, alegando que o material será entregue à missão americana, composta por cinco agentes, quando chegarem ao Brasil. Jardim também não quis se pronunciar sobre o pedido feito pela ONG ao governo americano e, tampouco, traçou uma meta para o retorno das vendas para os Estados Unidos. "A visita da missão já está agendada e temos de esperar. Estamos fazendo nossa lição de casa."

As informações são da Agência Estado e do Diário de Cuiabá, resumidas e adaptadas pela Equipe BeefPoint.

Gobierno ofrece ayuda para que los frigoríficos en dificultades se fusionen y mejoren su gestión. Resistencia en el sector empresarios que considera difícil que sea llevado a la práctica.

Valor Online 01/09/10 O socorro do governo aos frigoríficos em situação financeira debilitada tem esbarrado na dificuldade de convencer donos e acionistas das indústrias a aceitar a fusão das empresas em um ou dois grupos. Ao menos 15 frigoríficos pequenos e médios precisariam de uma injeção de R\$ 2,5 bilhões de capital para contornar os efeitos negativos da crise financeira global.

Em conversas reservadas, executivos de frigoríficos têm afirmado ser difícil cumprir a "recomendação" do governo de fundir operações e profissionalizar a gestão dos negócios antes de resolver pendências como processos de recuperação judicial ainda em andamento. O governo reconhece a dificuldade do setor, mas condiciona eventual capitalização a mudanças societárias e reforços estruturais na tentativa de equilibrar o peso dos gigantes JBS, Marfrig e Brasil Foods.

A concessão de benefícios aos frigoríficos também teria que ser "carimbada" para garantir o pagamento de dívidas com pecuaristas, hoje estimadas em R\$ 800 milhões, e com instituições financeiras.

Parte dos empresários do setor avalia que as indústrias que poderiam fundir suas operações têm saúde financeira em "estágios diferentes", apurou o Valor. Por exemplo: a formação do primeiro grupo, que teria cinco frigoríficos com maior identificação entre si, sofre resistência de empresas cujo processo de recuperação judicial está mais avançado do que as demais "sócias". Pelas conversas iniciais do setor com



o governo, a fatia dos novos sócios no futuro grupo seria equivalente ao patrimônio e ao endividamento atuais de cada empresa. Por isso, há divergências sobre a participação de cada empresa no novo grupo. O ministro da Agricultura, Wagner Rossi, tratou recentemente do assunto com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Mas a amplitude do socorro ao setor permanece indefinido. O presidente pediu uma solução, o que poderia incluir ação do BNDES para sacramentar a união das empresas em dificuldade. As indústrias continuam a pressionar o governo por medidas de auxílio, mas relutam em abrir mão de seus negócios. Consultada pela reportagem, a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec) preferiu não se manifestar.

As dificuldades financeiras dos frigoríficos e as discussões sobre o processo de concentração do setor chegaram ontem ao Senado. A Comissão de Assuntos Econômicos aprovou a realização de uma audiência pública para debater o nível de endividamento do JBS em operações do BNDES. O requerimento, assinado pelo senador José Bezerra (DEM-RN), convida o presidente do JBS, Joesley Mendonça Batista, a participar da audiência. O BNDES tem sido questionado por sua política de empréstimos e participações acionárias no JBS e no Marfrig, os dois maiores grupos frigoríficos do país. Dirigentes do setor e parte da equipe do presidente Lula avaliam que a situação dos frigoríficos requer ação imediata. A crise na União Europeia e a pressão interna para barrar a carne brasileira no bloco travam a superação da restrição de demanda. Os sinais de desaceleração nos Estados Unidos e na China também reforçam a sensação de urgência. E questões operacionais no Irã, aliadas a barreiras não-tarifárias na Rússia, dificultam um reforço no caixa das indústrias frigoríficas.

Apex-Brasil renueva convênio con Abiec para promover la imagen de la carne brasileña en el exterior

30/08/2010] A Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) anunciou que neste segunda-feira (30/08) irá assinar convênio com a Associação Brasileira de Hereford e Braford (ABHB) para renovação do Projeto de Promoção Comercial Internacional de Genética das Raças Hereford e Braford e renovar o Projeto Brazilian Beef com a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec), na 33ª Expointer, no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio (RS).

A Apex-Brasil e a Abiec devem investir R\$ 4,9 milhões nos próximos dois anos para ampliar a participação brasileira no mercado mundial de carne bovina. O objetivo do convênio é fortalecer a imagem da carne bovina brasileira, melhorando a percepção de sua qualidade nos países importadores, e ampliando, assim, a participação brasileira no mercado mundial de carnes. A expectativa é de que as empresas participantes do projeto exportem mais de US\$ 15 milhões até 2012.

A Abiec é a principal representante do setor na área internacional de regulamentação comercial, exigências sanitárias e abertura de mercados. Em parceria com a Apex-Brasil, a ABIEC e seus associados têm participado de feiras internacionais como a SIAL, em Paris, França; World Food Moscow, em Moscou, Rússia; Gulfood em Dubai, Emirados Árabes Unidos; e Anuga, em Colônia, Alemanha e realizado workshops em parceria com Embaixadas brasileiras pelo mundo, além, de receber autoridades e formadores de opinião que visitam a cadeia produtiva da carne com o objetivo de promover o produto brasileiro no exterior.

Convênio ABHB

A Apex-Brasil e a ABHB devem investir R\$ 1,7 milhão nos próximos dois anos para promover as exportações da genética das raças Hereford e Braford em oito mercados internacionais prioritários. As entidades têm como meta aumentar as exportações brasileiras do setor, chegando a US\$ 3 milhões em 2010 e US\$ 6 milhões em 2011.

A Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) é responsável pela promoção das exportações de produtos e serviços brasileiros, pela internacionalização das empresas brasileiras e pela atração de investimentos estrangeiros para o Brasil. Vinculada ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic), a Agência apoia, atualmente, cerca de 11 mil empresas de 80 setores da economia. Na cooperação internacional, a Apex-Brasil lidera importantes fóruns mundiais e preside a Associação Mundial das Agências de Promoção de Investimentos (WAIPA) e a Rede Ibero-Americana de Organismos de Promoção Comercial (REDIBERO), consolidando o Brasil como referência regional na promoção de exportações e atração de investimentos estrangeiros diretos.

As informações são da Apex-Brasil, resumidas e adaptadas pela Equipe BeefPoint.

SISBOV se analizan nuevos cambios que entrarán en vigor en 2011. La intención es que el sistema permita ampliar los predios autorizados para la UE. Hoy son 2181

03/09/2010] Segundo declarações do secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura, Francisco Jardim, ontem, em Esteio/RS, novas mudanças no Sisbov devem entrar em vigor em 2011, substituindo o atual sistema de rastreabilidade bovina e bubalina do país. Ele sustenta que o texto foi



elaborado com a cadeia produtiva e deve elevar as propriedades aptas a exportar carne para a União Europeia. Hoje, há só 2.181 no país.

A continuidade do processo depende agora da conclusão do sistema operacional de dados, a Plataforma de Gestão Agropecuária (PGA), sem prazo para ocorrer. O modelo foi apresentado aos produtores gaúchos pelo coordenador nacional do Sisbov, Naor Luna. "O sistema nada mais é do que a desburocratização do anterior. Os requisitos são os mesmos, o que muda é a operacionalidade." Apesar da afirmativa, Luna admite que o projeto foi recebido com desconfiança pelos europeus.

Naor explicou que, assim que for concluído, a PGA passará por um mês de testes. Após, será aplicado em projetos piloto em 18 propriedades nos nove estados exportadores por 90 dias, ainda neste semestre. Durante a transição, os dois sistemas deverão ser aceitos. As auditorias, hoje feitas pelas certificadoras privadas, passarão para os serviços de defesa dos estados e ministério. Contudo, a medida que a demanda aumentar, as condições de executar a tarefa terão de ser revistas. "Hoje, conseguimos atender, pois são poucas propriedades. Mas, não sei se será suficiente. Talvez tenhamos que capacitar mais auditores", projetou.

As informações são do Correio do Povo, resumidas e adaptadas pela Equipe BeefPoint

AFTOSA

Brasil acuerda trabajar em forma conjunta con Bolivia, Ecuador y Venezuela en la erradicación de la enfermedad. Opinan que no es conveniente interrumpir la vacunación en Río Grande do Sul

03/09/2010] O governo brasileiro desenvolveu parceria estratégica com países vizinhos para combater a febre aftosa na América do Sul. Segundo o secretário de Defesa Agropecuária, Francisco Jardim, a medida é vital para intensificar as ações conjuntas. "Para avançar no processo contra a febre aftosa precisamos trabalhar em conjunto com a Bolívia, Equador e Venezuela e envolver produtores, setor empresarial e governo", disse nesta quinta-feira, 2 de setembro, durante a reunião do Conselho Diretor da Federação das Associações Rurais do Mercosul (Farm), em Esteio (RS).

De acordo com Francisco Jardim, é importante para o Brasil continuar a parceria na área de defesa firmada em 1977 com a Bolívia. "Temos ampliado a vigilância na fronteira entre os dois países, intensificado a fiscalização do trânsito animal, inspecionando regularmente as propriedades e realizando o monitoramento soropidemiológico na área", ressaltou.

Para controlar o trânsito de animais, produtos e subprodutos na região foram instaladas 12 bases fixas de fiscalização. Os fiscais contam com quatro barcos, um hidroavião e veículos. A expectativa do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento é implantar mais sete postos fixos nos estados de Mato Grosso e Rondônia até o fim do ano.

Para controlar a febre aftosa, o governo adotou também treinamentos de profissionais brasileiros e bolivianos, contribuindo para a troca de experiências, facilitando o cadastramento das propriedades e a execução das campanhas sanitárias.

A fronteira do Brasil com a Bolívia possui extensão de 3,4 mil quilômetros, sendo 2,6 mil quilômetros de rios e canais, 750 quilômetros de vias convencionais (fronteira seca) e 63 quilômetros de lagoas.

Conciliação

Durante a reunião, pecuaristas bolivianos e o governo do país andino deram um passo em direção ao entendimento. As desavenças entre as duas partes são tidas como um empecilho para que o continente sul-americano elimine a febre aftosa.

Integrantes do grupo Farm ofereceram apoio à Bolívia, mas questionaram a intenção do governo Evo Morales de declarar o país livre de febre aftosa em dezembro de 2011. O sistema atual ainda é muito frágil para esse passo, alegam. "Fixar data não é o caminho. As enfermidades não se terminam por decreto", afirmou o presidente do grupo Farm, Manuel Torrendell, da Associação Rural do Uruguai. "Mas acho que houve avanço nesta reunião, com relação a outras".

Presidente da Congabol, confederação que reúne os pecuaristas da Bolívia, Christian Ivanovic, explica que "é observada muita intromissão política partidária nos níveis superiores no Senasag (serviço de sanidade agropecuária do país andino), deteriorando a relação do setor público e privado". O representante da CNA no grupo Farm, Carlos Sperotto, explicou que esse debate deve ser aprofundado no âmbito do Comitê Veterinário Permanente e que as associações rurais do Mercosul devem estar presentes na Expocruz, em Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, em 23 e 24 de setembro, para contribuir na melhoria da atenção sanitária boliviana. "Enquanto essa briga não acabar, eu não acredito em evolução. Política partidária não pode se misturar com sanidade animal", opinou Antenor Nogueira, presidente do Fórum Nacional Permanente de Pecuária de Corte da CNA.

O diretor do Senasag, Romeo Amorín, esteve na reunião e rejeitou as acusações de que não haja diálogo entre produtores e serviço agropecuário, mas afirmou estar aberto à participação dos pecuaristas.



Fim da vacinação

O debate sobre a retirada da vacina contra a febre aftosa no Rio Grande do Sul também esteve presente na Expointer. Ao reunir entidades do Brasil, Argentina e Uruguai, a Sociedade de Veterinária do Rio Grande do Sul (Sovergs) reafirma o posicionamento de defesa pelo fim da imunização. "A retirada da vacina é um objetivo a ser alcançado, mas não sabemos quando isso vai acontecer", considera o vice-presidente Antônio Machado de Aguiar, defendendo que a retirada vai beneficiar a entrada da carne em mercados como os Estados Unidos, Coreia do Sul e Japão, países que só aceitam o produto de região com status de livre de febre aftosa sem vacinação.

Os dirigentes dos países do Prata são mais cautelosos em relação ao fim da imunização. "O vírus segue circulando no continente. Por isso, ainda não é conveniente retirar a vacinação", afirma Jorge Dillon, diretor de Sanidade Animal do Serviço Nacional de Sanidade Agropecuária da Argentina.

De acordo com Francisco Muzio Lladó, diretor de Serviços de Pecuária do Ministério da Pecuária, Agricultura e Pesca do Uruguai, é fundamental intensificar a vigilância dos rebanhos para assegurar uma pronta resposta em caso de um eventual surto da doença. "Precisamos trabalhar de forma conjunta na América", disse o dirigente que defende a existência um banco de vacinas contra a febre aftosa.

O setor da pecuária gaúcha retomou a discussão, mas ainda não encaminhou nenhuma reivindicação oficial de retirada da vacinação ao Ministério da Agricultura. "Quando houver algum pedido, o ministério vai avaliar e enviar o pedido à Organização Mundial de Saúde Animal. Mas até o momento, o Rio Grande do Sul não se manifestou", declarou Jamil Gomes de Souza, diretor do Departamento de Saúde Animal do ministério.

As informações são do Mapa, Farsul e Jornal do Comércio, resumidas e adaptadas pela Equipe BeefPoint.

Status sanitario de los estados brasileños

MAPA 02/09/10 No Brasil, o Distrito Federal e 14 estados são classificados pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) como livres da febre aftosa com vacinação: Acre, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rondônia, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

O centro-sul do Pará (46 municípios) e as cidades de Boca do Acre e Guajará, no Amazonas, apresentam a mesma classificação. Os outros estados da região Nordeste e o nordeste do Pará são considerados como médio risco para a doença; Roraima e noroeste do Pará, como de alto risco, e Amazonas e Amapá têm risco desconhecido. (Kelly Beltrão)

URUGUAY

Hay estabilidad en faena bovina y un ajuste de precios. Podría subir ganado gordo tras las lluvias. Se retrasó el engorde y falta volumen

El País Digital 03/09/10 Las lluvias podrían valorizar más la poca oferta de ganado gordo que se encuentra en el mercado. Hay un gran atraso en el engorde y falta volumen de animales preparados para faena. Los operadores ven precios firmes e incluso alguna suba.

Los consignatarios coinciden en que, por lo menos, falta un mes más para que comience a aparecer una oferta de volumen de animales gordos para faenar.

Este año se hicieron pocos verdeos y muchos no nacieron, provocando un gran retraso en la preparación de los animales pesados como hacía años no se registraba. Aún con poca oferta, los precios de la hacienda vienen bajando levemente unos centavos cada semana y estas lluvias, alimentan la esperanza de los productores de lograr algún centavo más por los animales que venden a frigorífico.

"Las lluvias aún no incidieron en valorizar el ganado gordo, pero puede llegar a pasar, porque está faltando oferta de haciendas preparadas", advirtió a El País el consignatario Miguel Bengochea. Según su visión, "si estas lluvias vienen acompañadas de algún calorcito que haga rebrotar las praderas, mucha gente se animará a no vender".

Para Luis Aparicio Andrade, los frigoríficos "van a tener que salir a pagar más los ganados preparados que aparezcan. Sigue faltando mucha oferta. En nuestra zona (Durazno), hemos embarcado porque algún productor tiene necesidad de vender, pero mucho menos de lo que embarcamos siempre". Hoy "con bajas de precios pese a la poca oferta, el productor no tiene un atractivo para vender", aseguró el operador.

Los precios del novillo gordo se mantienen entre US\$ 3 por kilo de carne y US\$ 3,10, la vaca gorda entre US\$ 2,80 y US\$ 2,90, lográndose algún centavo más por animales excepcionales. En las últimas jornadas, alguna planta presenta una mayor demanda por vacas gordas y los precios del novillo gordo, básicamente están sostenidos por el ganado procedente de los engordes a corral.



El interés por vacas puede deberse a dos factores. Por un lado, finalizaron las faenas para Israel (faenas Kosher) y eso baja la presión sobre los novillos y por otro, a negocios puntuales con algún mercado, como puede ser Rusia, el principal comprador de delanteros bovinos.

Para el consignatario Alejandro Zambrano, la menor oferta de ganado gordo no sólo se debe a un atraso en el engorde, sino también a que "hay mucho menos gente preparando ganado gordo, por un desestímulo y por una baja del stock bovino".

Mientras tanto, los frigoríficos buscan estabilizar los precios y no muestran apuro en sus compras. Este sector dice que hoy no hay negocios suficientes como para que los precios del ganado gordo se valoricen más, pero la incógnita es qué pasará con la oferta en las próximas semanas.

La poca oferta de ganado gordo que hay, se reparte entre los frigoríficos y las compras de ganado en pie para Jordania.

Mientras tanto, en algunos departamentos como Cerro Largo, las lluvias están dificultando mucho las cargas hacia las plantas del poco ganado preparado que está saliendo al mercado. Los caminos desechos, los arroyos y cañadas que no dan paso, harán que cueste sacar el ganado del campo.

Venezuela facilita entrada de productos uruguayos. Se acordó agilizar los requisitos para la certificación de los frigoríficos locales para carne bovina.

El País Digital 02/09/10 El gobierno venezolano acordó con su par uruguayo agilizar los requisitos para la certificación de los frigoríficos locales para carne bovina. Además, se abrieron las puertas para que Uruguay pueda exportar trigo, arroz, peras y manzanas.

Venezuela expresó su "voluntad política" para ampliar el comercio bilateral con Uruguay, dijo ayer a El País el director de la Unidad de Asuntos Internacionales del Ministerio de Ganadería, Mario Piacenza, quien estuvo en ese país la pasada semana en una misión bilateral.

"La misión fue muy positiva. Seguramente fue una de las más provechosas para Uruguay en los últimos tiempos", dijo Piacenza.

El funcionario comentó que uno de los acuerdos estuvo referido a las habilitaciones de los frigoríficos locales que venció el pasado 31 de agosto.

En ese sentido, fueron "rehabilitadas" las plantas por un plazo de 90 días y se acordó un cambio en los sistemas de auditorías de los frigoríficos para la exportación de cortes bovinos.

"Ahí se optó por trabajar con un sistema de prelistado como tiene Uruguay con la Unión Europea y Estados Unidos", explicó Piacenza.

Bajo este sistema, la auditoría de los países importadores de carne se hace sobre el mecanismo interno que instrumenta el Ministerio de Ganadería para habilitar los frigoríficos y sólo se inspeccionan algunas plantas.

Hasta ahora, Venezuela tenía un sistema de auditoría que necesariamente debía aplicarse a todos los frigoríficos. Esto muchas veces era más costoso y demoraba todo el proceso de autorización.

Si bien este mercado no representa volúmenes significativos para la industria cárnica local, Piacenza dijo que "hay posibilidades de exportar más carne porque los precios son buenos y Venezuela quiere hacer negocios".

Por otro lado, el gobierno venezolano -que importa el 90% de los alimentos que consume- anunció su disposición para comprarle a Uruguay otros productos como trigo, arroz, maíz, peras y manzanas. En 2009 Venezuela importó 830.000 toneladas de trigo y 1,2 millones toneladas de maíz.

Según reveló Piacenza, sobre ese punto se acordó comenzar a trabajar para obtener las habilitaciones sanitarias y fitosanitarias para ingresar a Venezuela.

También Piacenza aprovechó la misión para reunirse con el Ministerio de Alimentación de Venezuela, que es el organismo que emite las licencias para la importación de lácteos. Este año se dieron algunos inconvenientes cuando Venezuela decidió regular el precio interno de los quesos para controlar su inflación.

"Acá sugerimos la aplicación de mecanismos de consultas rápidas entres ambos países que permita destrabar cualquier dificultad", dijo.

Rusia comenzó a comprar más carne y precios subieron un 15% Es el principal importador y cuotas vencen en noviembre

El País Digital 30/08/10 Los importadores rusos están apurándose a comprar y todo indica que irán incrementando más el ritmo de sus importaciones de carne a medida que se acerca el mes de noviembre, cuando finalizan las cuotas de importación que les otorgó el gobierno.

"Rusia comenzó a comprar con más fuerza y los precios se tonificaron alrededor de 15%", aseguró a El País el director de Mirasco International Food Merchants, Sagi Ragi, operador que realiza habitualmente negocios en este mercado.



El gobierno entregó los cupos de importación el pasado mes de marzo y, basándose en su experiencia, los operadores aseguran que las compras comenzarán a tomar más fuerza de aquí en adelante.

Rusia es el principal mercado para la carne bovina uruguaya y para las menudencias; habitualmente lleva cortes bovinos del delantero, que se conocen como cortes de la rueda.

Según los datos estadísticos del Instituto Nacional de Carnes (INAC) generados hasta el pasado 21 de agosto, los importadores rusos acapararon 79.781 toneladas (peso canal), cuando a igual fecha del año anterior habían importado 57.678 toneladas. El año pasado habían comprado mucho más en agosto, cuando demandaron 8.084 toneladas contra las 4.103 enviadas en igual mes de este año. Los importadores rusos están representando el 31,4% de la exportación total de carne bovina, cuando a igual fecha del año 2009 llegaban al 23,8%.

Según Ragi, otro mercado que está activo en las compras es Medio Oriente, que también centra su demanda en delanteros bovinos y en donde los precios hoy son atractivos para realizar negocios.

Para la carne bovina uruguaya, el segundo mercado en importancia continúa siendo la Unión Europea, que si bien está comprando menos por la crisis económica, mantiene una demanda. Al 21 de agosto de 2009 -según INAC- la UE había importado 64.656 toneladas, mientras que a igual fecha de este año importó 49.731 toneladas, esto es un 23% menos pese a que operadores señalan que empieza a recuperarse.

Chile es otro destino que sigue comprando fuerte mucha carne bovina y que muestra un gran impulso en los negocios. Se llevan colocadas 13.029 toneladas cuando el año anterior se colocaron 6.543 toneladas.

A nivel general, la carne bovina producida en Uruguay continúa fortaleciendo sus valores. Hoy la tonelada de exportación cotiza a promedio de US\$ 2.884 contra en 2009 valía US\$ 2.468 (al 21 de agosto de cada año y según los datos del INAC).

MGAP subsidiará cría vacuna Recibe propuestas de planes y aportará entre U\$S 300 yU\$S 4.000

Observa 31/08/2010 La Dirección General de Desarrollo Rural (Dgdr) subsidiará planes destinados a fomentar la cría vacuna con el objetivo de prevenir efectos de la sequía en los próximos meses.

La convocatoria anunciada por el Ministerio de Ganadería (MGAP) es para otorgar apoyo económico en forma parcial y no reembolsable a inversiones, insumos, servicios, asistencia técnica, incorporación de buenas prácticas y capacitación, en el marco de planes presentados por productores criadores pequeños y medianos. El Mgap toma en cuenta la probable existencia de déficit de lluvias para la próxima primavera-verano y por eso se propone apoyar a aquellos productores criadores familiares y medianos que instrumenten medidas que ayuden a mitigar sus efectos.

Se entiende que la ganadería de cría es un sector que sufre intensamente los efectos de una sequía, ya que una alta proporción del rodeo se encuentra ubicado en suelos superficiales, los que reducen fuertemente su producción de forraje ante los déficits de lluvia. Se apunta evitar una caída de los índices de procreo posteriores y de mortandad tanto de las vacas, como de los terneros.

Podrán ser beneficiarios aquellos productores ganaderos criadores medianos y pequeños de todo el territorio nacional con explotaciones de hasta 1250 hectáreas Coneat 100. Incluye productores ganaderos familiares y productores ganaderos que no reúnan las condiciones previstas en la definición de productor familiar, bajo cualquier forma de tenencia y bajo cualquier forma jurídica, con excepción de las Sociedades Anónimas con acciones al portador. La propuesta es exclusiva para ganadería bovina de cría y ciclo completo (en éstos últimos sólo el subsistema criador).

Las propuestas podrán ser presentadas en forma individual o para un grupo de productores (propuesta grupal). Las propuestas deberán presentarse en la Sede del Programa Ganadero, ubicada en Garzón 456, Montevideo, o ser enviados por correo postal certificado con fecha y hora previas a: 1er cierre: 24 de setiembre, a las 16 horas; 2do cierre: 8 de octubre, a las 16 horas y 3er cierre: 15 de octubre, a las 16 horas.

Los apoyos no reembolsables para los productores que cumplan con los requisitos de elegibilidad y evaluación consistirán en un financiamiento mínimo de U\$S 300 y un máximo de U\$S 4.000 por productor, en un plazo máximo de ejecución de 8 meses.

El apoyo económico se establecerá en relación a los costos totales presupuestados para las actividades propuestas en el Plan, de acuerdo a la siguiente escala: a) Para los productores Familiares el subsidio podrá ascender hasta el 70% de los costos totales del Plan; b) Para los productores beneficiarios que no reúnan las condiciones establecidas en el ítem anterior, el subsidio no podrá superar el 50% de los costos totales del Plan; c) Para los productores beneficiarios de cualquier condición que presenten planes con actividades y metas de carácter grupal o asociativo, el porcentaje de los costos totales a subsidiar se incrementará en 10 puntos porcentuales, pudiendo alcanzar al 80% de los costos totales para el caso de productores familiares integrados en propuestas grupales o asociativas y al 60% para el caso de productores no familiares.



Habría 300 mil terneros menos. El cálculo surge de la caída en la entrega de caravanas que registró el Sistema de Identificación y Registro Animal

Observa Fecha: 01/09/2010 El Sistema de Identificación y Registro Animal (SIRA) entregó 300.000 caravanas menos en el último operativo lo cual podría indicar que se corresponde con una caída (en ese nivel) de terneros.

Gabriel Osorio, director del SIRA explicó que en el operativo de entrega de identificadores surgió un dato que calificó de “preocupante”.

“Hay 300.000 caravanas menos, o sea que a mi entender creo que hay muchos más terneros menos que el año pasado. Son 300.000 dispositivos menos en la entrega de otoño que abarca a terneros nacidos en primavera. Realmente bajó muchísimo”, sostuvo.

La merma correspondería a las consecuencias de la sequía de fines de 2008 y principios de 2009. “Este dato de entrega de caravanas es nuevo para estimar la suba o caída del stock, lo usamos pero todavía no se utiliza para hacer estimaciones. De todas formas al entregar menos identificadores es claro que hay menos animales y hay que tenerlo en cuenta”, afirmó Osorio.

Por otra parte, antes de fin de mes se lanzará la campaña para la colocación de los dispositivos para animales adultos nacidos antes del 1° de setiembre de 2006.

Una de las indicaciones es que en el formulario no se ponga la fecha de nacimiento del animal y la otra es que se deben usar cajas enteras para adultos o terneros.

“Estimamos que ingresarán al sistema unos 2,5 millones de animales para los cuales hay disponibilidad de dispositivos y se espera que antes del 1° de julio de 2011 estén todos identificados o faenados”, dijo.

Nuevo sistema de cajas negras. A partir del 1° de setiembre empieza el Sistema Electrónico de Información de la Industria Cárnica

Observa Fecha: 31/08/2010A partir del 1° de setiembre el Sistema Electrónico de Información de la Industria Cárnica, conocido como Cajas Negras, comenzará a emplear un nuevo canal de envío de informaciones desde las plantas industriales hacia el Instituto Nacional de Carnes (Inac) sobre transacciones de compra-venta de hacienda.

Según informó el Instituto, esto se hará empleando la misma infraestructura tecnológica que envía los datos sobre pesos de los animales en la faena, que ha estado operando en forma plenamente satisfactoria.

“El nuevo procedimiento colocará a nuestro país en una posición destacada a nivel internacional en cuanto a velocidad de captación de información comercial”, se señaló.

Inac espera que en pocos meses el sistema esté completamente estabilizado abriendo nuevas posibilidades para la divulgación de informaciones económicas completas y actualizadas sobre el mercado de haciendas.

Banco Mundial realizó un informe con opciones de políticas para el agro Entre sus sugerencias se contó con la de integrar trazabilidad e inocuidad

El País Digital 28/08/10 El Banco Mundial recomendó continuar ampliando y profundizando los sistemas veterinarios del MGAP y la trazabilidad del ganado, a la vez de ir hacia una certificación de inocuidad de los alimentos acorde a los estándares mundiales.

En un informe elaborado por el Banco Mundial (BM), previo a la negociación de los créditos para el quinquenio en febrero y divulgado recientemente, el organismo le dedicó dos capítulos a las oportunidades y desafíos en el agro uruguayo y al impacto del cambio climático en el sector, en los que adjunta opciones sugeridas de políticas a seguir tanto en el corto como en el mediano y largo plazo.

Las medidas propuestas por el BM se agrupan en aquellas que promueven el aumento de la productividad y mejoras en la comercialización de productos y alimentos, las que refuerzan la adaptación a las nuevas condiciones ambientales, las que facilitan la diversificación de ingresos en las áreas rurales y las que mejoran la base de información para la programación y el diseño de políticas.

Entre las recomendaciones destinadas a la promoción de la productividad y el comercio, en el informe se destaca la necesidad de continuar y expandir las mejoras en los estándares veterinarios y de seguridad alimentaria y la promoción del conocimiento y mejora del potencial humano. Para reforzar la adaptación agroambiental, en el informe se propone la expansión del uso sustentable de los recursos hídricos y del suelo en agricultura y para promover la diversificación del ingreso en áreas rurales, el BM subraya la necesidad de asegurar la coordinación entre actividades de desarrollo sectorial y no sectorial en áreas rurales.

Para la mejora de la competitividad de la cadena de producción de la ganadería, comprendiendo a productores, industriales y comerciantes, el BM propone como opción de política a corto plazo continuar



ampliando los servicios veterinarios y los sistemas de trazabilidad animal. A mediano plazo, se sugiere integrar los sistemas de trazabilidad existentes a un sistema de certificación de inocuidad de los alimentos internacionalmente, aceptado en un contexto institucional modernizado y fortalecido.

Desarrollo. Para el fomento de un desarrollo rural y agropecuario integrado e incluyente, el BM propone a corto plazo elaborar un programa que contenga elementos de apoyo apuntando a la mejora de la productividad y adaptación de tecnologías, a desarrollar técnicas apropiadas para el manejo agroambiental y de los recursos hídricos y a la diversificación del ingreso rural. Con este objetivo, a mediano plazo se propone establecer un mecanismo de financiamiento y un marco institucional necesario que puede incluir la creación de un fondo para el desarrollo rural.

El informe también aborda opciones de políticas para reducir la vulnerabilidad al cambio climático. En ese sentido, propone medidas que, como el seguimiento de las emisiones de carbono y la provisión de agua para la mitigación de sequías, ya se están implementando desde el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca.

Flexibilidad al cambio climático

En un capítulo dedicado al cambio climático y sus consecuencias sobre el sector, el Banco Mundial señala que la incertidumbre en los patrones de lluvia, más evidente en la temporada estival, pone el foco en la necesidad de contar con una mayor flexibilidad y capacidad de ajuste de las estrategias de adaptación a las nuevas pautas del clima.

Para esto, incluye entre las recomendaciones, un plan de acción para el litoral oeste el desarrollo de sistemas de información y soporte para la toma de decisiones.

Egipto habilitará mercado para carne ovina con hueso. Misión sanitaria visitó 9 frigoríficos

El País Digital 28/08/10 La carne ovina uruguaya continúa ganando mercados. En pocos días quedará habilitado Egipto para entrar con cortes con hueso, donde hay importadores que ya están manifestando interés en el producto.

Más allá de la apertura de los mercados de alto valor, como pueden ser Canadá (ya habilitado), México y Estados Unidos (en trámite), la carne ovina uruguaya precisa más nichos donde ser colocada con hueso. Por ahora sólo se puede entrar con productos sin desosar en Brasil, China, Argelia, Jordania y Rusia, pero en pocos días más quedará habilitado Egipto, un mercado de Medio Oriente que presenta una alta demanda y precios estimulantes para los operadores.

Hoy la demanda de este destino se centra en carcasa con hueso a seis cortes, pero el problema es que no está, aún, la habilitación país.

La misión de técnicos egipcios finalizó ayer y según información recabada por El País, con mucho éxito. Los expertos sanitarios revisaron en Uruguay nueve frigoríficos exportadores y algunas plantas de frío, recabando información para elaborar su análisis de riesgo, que desde ya sería favorable a Uruguay. ¿Por qué la importancia de mercados donde entrar con cortes con hueso? Precisamente porque esos nichos posibilitan colocar toda la res y no determinados cortes, pero, por otra parte, porque hay un costo industrial muy alto que se ahorra en el proceso: el desosado.

Más allá de Egipto, los servicios sanitarios uruguayos tienen la mira centrada en otros mercados para la carne con hueso y entre ellos, la prioridad es la Unión Europea, el principal importador mundial de carne ovina. En este sentido, la habilitación para cortes sin desosar aún estaría distante, tanto para ovinos como para bovinos. Aún así, la cadena cárnica no pierde la esperanza de poder acceder.

Gremiales lecheras divididas sobre uso de la somatotropina Hormona. Le piden a MGAP que se prohíba

El País 02/09/10 El uso de la somatotropina, una hormona que aumenta la producción de leche en los tambos, tiene divididas a las gremiales. La mayoría advierte que podría convertirse en una barrera para arancelaria en el futuro.

La lechería uruguaya enfrenta el desafío y la necesidad de aumentar el litraje producido con la misma cantidad de vacas masa sin ganar más tierras y la autorización del uso de la somatotropina, una hormona estimulante de la producción de leche, enfrenta a las gremiales del sector.

Uruguay produce anualmente 1.500 millones de litros de leche, a partir de unas 400.000 vacas lecheras, de las cuales estarían en ordeño entre 340.000 y 350.000 cabezas.

El grueso de los tambos produce unos 2.500 litros de leche por hectárea, pero hay establecimientos que producen 8.000 litros por hectárea y más allá de la adopción de tecnologías de punta que permitan elevar la producción, comienzan a surgir opciones como el uso de esta hormona, que en algunos países como en la Unión Europea, tiene uso prohibido y en otros, como Estados Unidos, está autorizada.



La mesa de Gremiales Lecheras le envió una carta al ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca, Tabaré Aguerre, planteándole que la adopción de esta hormona puede transformarse en una barrera no arancelaria y cerrar algunos mercados para los lácteos uruguayos. "Era inminente la aprobación del uso de la hormona, que tampoco estaba prohibido, pero lo que más nos sorprendió son los canales de aprobación, porque no fue discutido en la cadena láctea", aseguró a El País Martín Lindholm, presidente de la Intergremial de Productores de Leche (IPL).

El punto de consenso entre los productores es que primero debe existir una discusión seria, con suficientes documentos científicos que permitan tomar una decisión sobre los beneficios y los contrarios a aplicar la somatotropina en las vacas.

"Sólo 20 países la usan en el mundo. Los principales exportadores de lácteos como Nueva Zelanda y la Unión Europea no la utilizan. Con la autorización, se podría correr el riesgo de que, en el futuro, su adopción pueda transformarse en una barrera para arancelaria", aseguró Lindholm.

Por su parte, la Cámara Uruguaya de Productores de Leche dice que fue incluida en la carta enviada al ministro Aguerre sin ser consultada, ya que la misiva recomendaba que se suspendiera el uso de la hormona.

La gremial busca apoyarse en la información científica disponible e impulsa reuniones con los laboratorios que están importando el producto, con la Sociedad de Medicina Veterinaria del Uruguay y con los mercados hacia los que llegan los lácteos. "La información que hemos tenido hasta ahora es que la Unión Europea tiene prohibido el uso de la somatotropina en el rodeo lechero, no así la producción, ni la importación de lácteos de terceros países que la usan", admite Leániz. Según la Cámara Uruguaya de Productores de Leche, la prohibición aduce a un tema de bienestar animal y no a salud.

Más litros por vaca

La somatotropina es una hormona proteínica producida en la glándula pituitaria del bovino y se le conoce como hormona del crecimiento. También se produce sintéticamente y su uso promueve entre 15% y 20% más la producción de leche por animal, pero siempre y cuando el bovino tenga una buena alimentación.

ESTADOS UNIDOS

Ganaderos opinan que el proyecto para modificar el organismo de control comercial G.I.P.S.A. es demasiado vago.

MeatPoultry.com, August 30, 2010 FORT COLLINS, Colo. – Beef and pork producers spoke out against the U.S. Department of Agriculture's Grain Inspection, Packers and Stockyards Administration's (G.I.P.S.A.) proposed federal rule on the buying and selling of livestock at a public meeting held in Fort Collins, Colo., Aug. 27. U.S.D.A. and Department of Justice hosted the meeting on competition in the livestock industry.

Producers told U.S.D.A. Secretary of Agriculture Tom Vilsack they are concerned about the unintended consequences of the proposed rule.

Robbie LeValley, president of the Colorado Cattlemen's Association, a cattle producer and a co-owner of Homestead Meats, a family owned company marketing beef locally, voiced concerns that the proposed rule could have a negative impact on her family business.

"Our innovation and our willingness to do direct marketing has basically now labeled us a packer and under the proposed rule, as I read it, now limits our marketing options – meaning not being able to sell to other packers," she said. "While some say that is not the intent of the rule, the vagueness of the language makes it very possible."

The National Cattlemen's Beef Association and the National Pork Producers Council held a media briefing on Aug. 26 regarding the proposed rule. Pork and beef producers representing more than 20 states attended a meeting to voice their opposition to the G.I.P.S.A. rule, expressing the negative effect it could have on their operations.

"As written, the G.I.P.S.A. rule would limit my ability to sell hogs," said Sam Carney, N.P.P.C. president and a producer from Adair, Iowa. "It's a solution in search of a problem. The markets work, and we don't need the government trying to 'fix' it. The G.I.P.S.A. rule is overly broad and very vague. It would inject uncertainty into the market, stifle innovation and lead to less, not more, competition in the livestock industry."

Una comisión especial ha desarrollado seis nuevos cortes bovinos

MeatPoultry.com, August 27, 2010 DENVER – Six new beef cuts from the beef round debuted this week at the first Innovative Beef Symposium in Denver. Created by checkoff-funded Beef Innovations Group (B.I.G.), the newly developed cuts are part of B.I.G.'s effort to help meat processors, manufacturers, retailers, foodservice operators and cattle producers maximize yield, add versatility and increase profitability.



The new cuts, which provide lean steak and roast options suitable for retail and foodservice outlets, are:

- Santa Fe Cut – Similar to a flank steak, ideal for fajitas, stir fry or shredded beef.
- Round Petite Tender – Flavorful, best cut into medallion steaks, offers a restaurant-quality experience on a bed of pasta or a roast for two.
- San Antonio Steak – Half-inch lean steak, versatile and cooks fast, works well with a marinade.
- Tucson Cut – Ideal lean cut for foodservice operations looking for value.
- Braison Cut – Ideal for any braising application and makes a great osso buco or pot roast.
- Merlot Cut – Deep red color, lean and flavorful, ideal for a variety of ethnic dishes.

“As the marketplace continues to evolve, it creates opportunities for new beef cuts to be used as a competitive advantage,” said Jim Ethridge, senior director of the Beef Innovations Group for the National Cattlemen’s Beef Association (N.C.B.A.), which contracts to manage new product development efforts for the Beef Checkoff Program. “Past work on the chuck subprimal had yielded benefits to all segments of the industry, and the muscles of the round offer the next frontier of innovation and additional value.”

B.I.G., as a team of meat scientists and industry professionals who work together to inspire beef innovation, has considerable experience working with the value-added cuts from processing to end-use application. More than 80 representatives from meat processors, packers and food manufacturing companies convened to learn how to fabricate, merchandise, menu and profit from the new cuts at the Symposium. Cutting guides and related marketing materials for the new round cuts will be available on <http://www.beefinnovationsgroup.com> by Sept. 30, 2010.

B.I.G. began its mission in 2007 to explore this underutilized subprimal, which represents 30% of the beef carcass. Since then, a team of meat scientists has been working on locating whole-muscle cuts. This effort leverages the checkoff-funded Muscle Profiling Research, which aided B.I.G. to uncover many successful cuts over the years known as the “Beef Value-Added Cuts,” a line of beef steaks and roasts that allow consumers to enjoy more steaks and roasts that are easy to prepare and often moderately priced.

Some of these previously launched cuts have grown in popularity, such as the Petite Tender, Ranch Steak, Flat Iron Steak and five cuts from the chuck roll, and are now being manufactured throughout the U.S. and sold through retail and foodservice outlets. CattleFax estimates B.I.G.’s new product development initiatives have already resulted in an industry added-value of \$50 to \$70 per head or \$1.4 billion in annual sales. New cuts from the chuck roll and the round are expected to increase this number significantly as they enter the mainstream marketplace.

VARIOS

FILIPINAS habilitó el ingreso de carnes bovinas desde el REINO UNIDO después de una década de prohibición

August 27, 2010 THE AGRICULTURE department has ended a decade-old ban on the importation of meat and meat products of cattle from the United Kingdom which has stemmed the mad cow disease as certified by the World Organization for Animal Health or Office International des Epizooties (OIE).

In Memorandum Order 20, series of 2000, dated July 28, the Agriculture department has cleared the importation subject to conditions set by the UK’s Department for Environment, Food and Rural Affairs.

The conditions are: boneless and bone-in beef can be sourced from cattle of all ages devoid of any nerves and other BSE-specified risk materials; beef should come only from healthy ambulatory and not downer cattle; and the slaughter date or the production date of the beef shall be included in the packaging label.

In its May 2008 general sessions, the OIE has designated the UK as a “controlled risk” area for Bovine spongiform encephalopathy (BSE or mad cow disease).

OIE categorizes an area as controlled risk if mitigation measures are sufficient to minimize disease transmission.

The Agriculture department said shipments of meat and meat products from UK cattle that fail to comply with the conditions shall be confiscated by the department’s veterinary quarantine officer or inspector at all major sea ports and airports.

Importation of meat and meat products from UK cattle was banned after the Agriculture department issued Administrative Order 19 series of 2000.

Covered by the ban were live cattle, sheep and goats, their meat and meat products, bovine embryo, meat and bone meal and other feed ingredients derived from the identified animals following OIE’s confirmation of BSE cases in Europe.

The Philippines imported 41.54 metric tons (MT) of beef in 2009 valued at \$451.76 (free on board or FOB), lower than the 49.84 MT it imported in the previous year valued at \$68.51 (FOB), according to data from the Bureau of Agricultural Statistics. There is no breakdown of import source



JAPON reduciría su consumo e importación de carnes bovinas como consecuencia a cambios demográficos

Bloomberg - Aug 30, 2010 1:25 PM GMT-0300 Japan may reduce beef imports and consumption during the next decade as the country's population slides, the U.S. Department of Agriculture said.

Imports may drop to 613,000 metric tons in 2020 (1.35 billion pounds), down 9.6 percent from an estimated 678,000 tons this year, if the country's population change follows U.S. Census Bureau projections, the USDA's Economic Research Service said today in a special report on its website. Beef imports may total 658,000 tons next year. Forecasts assume personal income and beef prices will remain unchanged.

"Rising beef prices, or a continuation of the economic slump seen in 2008 and 2009, could exacerbate this underlying decline dictated by Japan's demographic conditions," the USDA said. "Current projections, however, point to a return to economic growth, and easier access to U.S. beef could lead to lower average prices in Japan."

Japan was the third-largest importer of U.S. beef last year, after Mexico and Canada. Japan ranked first in 2003, before it placed restrictions on the meat following an outbreak of bovine spongiform encephalopathy, or mad cow disease. The country currently only imports U.S. beef from cattle younger than 21 months of age.

Japan's overall beef consumption may drop to 1.138 million tons in 2020, down 4.8 percent from 1.195 million tons this year, if populations decline, the USDA said. Consumption may total 1.183 million tons in 2011.

RUSIA flexibilizó las condiciones impuestas sobre las importaciones de carnes bovinas de origen irlandés, elevando el límite de edad para las pruebas de BSE

TheCattleSite News Desk August 31, 2010

IRELAND - Russian authorities have raised the age-limit above which slaughtered animals must be tested for BSE from 30 months to 48 months, in respect of exports of beef from Ireland to Russia.

This means that the BSE testing requirements for exports to the Russian Federation are now the same as for exports to EU member states.

The Minister said this positive news was the result of intensive efforts at political, diplomatic and technical level. The Department of Agriculture, Fisheries and Food, together with the Department of Foreign Affairs, with the assistance of Bord Bia, have been working very closely on this issue over the last eighteen months.

Minister Smith said: "This is a very welcome decision as the Russian Federation has been an important market for Irish beef in the past. The decision by the competent authorities in the Russian Federation follows the submission of a detailed risk assessment by my Department examining the risk involved in raising the age limit for BSE testing. This positive decision removes a technical barrier to the export of beef from Ireland to Russia and should help to stimulate the trade."

CHINA espera un incremento en el consumo de carne procesada

31/08/2010] A maior demanda por carnes direcionará a indústria de processamento de alimentos da China a registrar um crescimento de duplo dígito, de acordo com a organização de pesquisas de mercado, RNCOS. Em seu último relatório chamado "Análise do Mercado de Alimentos Processados da China", a firma previu que a indústria de alimentos processados crescerá a uma taxa anual de 33% durante os próximos três anos. O setor de carnes processadas deverá crescer a uma taxa de 16% de 2010-2013.

A maior afluência somada com o crescente apetite por alimentos processados que levam à economia de tempo estão direcionando a demanda por mais refeições processadas de carne.

Entre 2000 e 2008, a demanda por produtos de carne processada aumentou em 345%, fazendo com que esse se tornasse o setor de mais rápido crescimento dentro da indústria de alimentos processados da China.

O relatório também analisou fatores de crescimento, como as preferências na dieta dos consumidores chineses, crescentes preocupações e intensivas vendas de produtos de carnes processadas, importações de carnes processadas e importantes empresas participantes do mercado.

Além da carne, os pesquisadores também consideram outros segmentos alimentícios, incluindo alimentos lácteos, peixes e frutos do mar, frutas e vegetais, sucos e refeições prontas. Depois das carnes processadas, os segmentos de lácteos e refeições prontas serão os dois de mais rápido crescimento.

Os pesquisadores disseram que a crise econômica global quase não teve impacto no mercado de alimentos processados da China.

A reportagem é do MeatProcess.com, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint



CHINA –Confirman nuevos casos de fiebre aftosa

September 02, 2010 The Chinese veterinary authorities have reported two further outbreaks of foot and mouth disease in the country.

The World Organisation for Animal Health (OIE) received follow-up report no. 15 on 31 August. According to the report, both outbreaks occurred on 23 August.

The first outbreak occurred at a village in Qinghai. A total of 39 cases were identified, while 163 were found susceptible to the disease.

The second outbreak took place at the animal health inspection station of Er Ba Tai in Xinjiang. In total, 8 animals were found to be affected while 22 showed signs of susceptibility. All susceptible animals were destroyed.

The cause of the outbreak has still not been determined.

Desarrollan un test para detectar de forma más rápida la presencia de E. coli en carne de vacuno

Eurocarne 02/09/10 Un estudio desarrollado por la universidad estadounidense de Purdue ha investigado la utilización de la espectroscopia de infrarrojos para la detectar la presencia de E. coli en la carne de vacuno de forma más rápida que los test que actualmente se utilizan. Este estudio, financiado por el Departamento de Investigaciones Agrarias del USDA y el Centro Purdue para la Ingeniería en Seguridad Alimentaria, ha sido publicado dentro de Journal of Food Science.

La investigadora Lisa Mauer ha detectado la presencia de la bacteria E. coli en un proceso de una hora de duración utilizando para ello la espectroscopia de infrarrojos transformada de Fourier. Además, su método de análisis permite especificar la cepa de E. coli que se trata.

En su investigación, Mauer ha demostrado la validez de dos métodos para la detección de E. coli. Uno de ellos ofrece los resultados en una hora y utiliza un método de filtración.

Según Mauer, la bacteria E. coli tiene un espectro infrarrojo muy determinado que puede ser detectado a través de un espectrofotómetro de transformada de Fourier. La muestra es pasada por este sistema y el espectrofotómetro lee el espectro creado por la combinación de la energía que ha sido absorbida y la energía que ha sido reflejada de vuelta. Esto se explica porque, según Mauer, "la energía es tan sólo absorbida por ciertos componentes de las muestras y si ese componente o bacteria no está ahí, la energía es reflejada de vuelta".

El sistema desarrollado por Mauer también puede detectar entre las células de E. coli que están activas o están muertas. En su opinión, "si las células están muertas no representan un peligro, pero su presencia puede ofrecer una gran información sobre la calidad del producto que se está analizando".

Mauer no descarta que este tipo de análisis pueda ser aplicado a otros alimentos.

EMPRESAS DEL EXTERIOR

JBS: su presidente afirmó que la concentración de la industria no perjudica a los ganaderos brasileños

30/08/2010] O presidente da JBS, Joesley Batista, disse, na sexta-feira, que a concentração do setor de frigoríficos de carne bovina no Brasil não prejudica o produtor de gado. Pelo contrário. A uma plateia de estudantes, representantes do agronegócio e consultores, em seminário do Pensa, na Universidade de São Paulo (USP), Batista afirmou que a concentração permite que as empresas do setor cresçam, o que vai "beneficiar o produtor".

De acordo com o presidente da JBS, "quanto mais o setor se concentrou no Brasil, mais o preço do boi subiu". Ele disse que há alguns anos, a arroba do boi gordo estava na casa dos US\$ 20 no Brasil. Atualmente, já supera os US\$ 50.

Essa mudança de patamar é, segundo ele, um reflexo da internacionalização e da concentração no setor de frigoríficos. "Antes, quando havia um monte de pequenos [frigoríficos] se debatendo, só se vendia barato ao exterior. Isso mudou". No novo cenário, disse, é possível vender carne com preços mais altos ao exterior e, assim, pagar mais pelo boi ao pecuarista.

Após a aquisição de várias empresas no exterior, a JBS detém hoje 30% do comércio internacional de carne bovina e 50% das exportações brasileiras do segmento, segundo Batista.

Conforme o empresário, "a internacionalização mais do que dobrou o preço do boi". Em sua opinião, "não é só o câmbio" que explica a elevação dos preços da arroba em dólar. "O câmbio é só um dos fatores", argumentou.



Rui Prado, presidente da Federação de Agricultura de Mato Grosso (Famato), que esteve no seminário, afirmou que a concentração preocupa os criadores do Estado, onde apenas duas empresas - JBS e Marfrig - têm 60% do abate.

Outra questão do encontro, em que Joesley Batista falou sobre a gestão da JBS, foi o desafio de digerir todas as aquisições feitas pela companhia e implantar a cultura da empresa nesses locais. O caso da Inalca JBS, na qual a brasileira vive uma disputa judicial com o sócio, foi mencionado. "Na Itália, temos que ter pessoas tão competentes quanto eu ou mais", disse. A JBS entrou na Câmara de Comércio Internacional de Paris contra o grupo Cremonini, pedindo a arbitragem sobre questões de governança. Batista não comentou o processo.

Argentina

A JBS S.A admitiu, em nota ontem, que pode vender "algumas unidades de produção" na Argentina por conta da atual escassez de bois para abate e da restrição às exportações de carne bovina pelo país. No sábado, a agência Reuters noticiou que a maior processadora global de carne bovina poderia vender três plantas de abate de gado na Argentina. A informação foi dada à Reuters por uma fonte que pediu anonimato.

Segundo essa fonte, a informação de que a JBS poderia se desfazer de unidades na Argentina foi dada pelo secretário de Comércio Interior argentino, Guillermo Moreno, durante uma reunião que teve na última sexta-feira com diretores dos principais frigoríficos de carne bovina do país.

Na nota divulgada ontem, após ser procurada no Brasil, a JBS disse que "devido à atual situação na Argentina (escassez da disponibilidade de gado e restrição das exportações), a companhia estuda reduzir a produção nesse país, ou até, a possível venda de algumas unidades de produção desde que o valor negociado reflita o preço real do ativo".

Segundo a Reuters, atualmente, as instalações da JBS na Argentina que poderiam ser vendidas, situadas em Pontevedra, Berazategui e San José, estão trabalhando de forma parcial, por conta da redução da oferta de bovinos para abate. Esse quadro de falta de animais provocou uma alta no preço da carne bovina e fez o governo limitar as exportações do produto.

Diversos frigoríficos atravessam dificuldades pelo recuo nas atividades e travam uma queda-de-braço com o governo argentino. Os produtores rurais responsabilizam as intervenções oficiais no mercado da carne bovina pela queda do rebanho. As prolongadas secas que o país viveu nos últimos anos também foram muito prejudiciais ao setor, observa a Reuters.

A matéria é de Alda do Amaral Rocha, publicada no Valor Econômico, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Empresa brasileira adquirirá Burger King: la empresa anunció un acuerdo con 3G Capital por un monto de 4000 millones de dólares

03/09/2010] O Burger King anunciou nesta quinta-feira um acordo com o fundo 3G Capital para venda de todas suas ações ordinárias por US\$ 24, cada, ou um montante de US\$ 4 bilhões, informou em comunicado oficial a rede de fast-food. A aquisição inclui o refinanciamento das dívidas da empresa.

Em comunicado divulgado ontem, Burger King e 3G Capital afirmam que "a transação deve ser fechada no último trimestre deste ano".

O fundo multibilionário é sediado em Nova York, mas, entre seus principais investidores, estão os brasileiros Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e Carlos Alberto Sicupira, também acionistas da Anheuser-Busch InBev e das Lojas Americanas.

Após a transição, o brasileiro Alex Behring, da 3G, dividirá a presidência do conselho da companhia com o atual presidente do Burger King, John Chidsey. Behring, em comunicado, afirmou que a 3G "tem grande respeito pela marca Burger King e pelo negócio que administradores, empregados e franquias construíram".

"A marca icônica, sua sólida rede de franqueados e suas ótimas ofertas de produtos se ajustam perfeitamente à 3G Capital, que tem um forte histórico de investimentos de longo prazo em marcas globais e companhias de varejo", escreveu o brasileiro.

O "New York Times" noticiou o acordo como "marca da contínua ascendência do Brasil como um grande jogador". Segundo o jornal, a 3G vê o Burger King como uma "oportunidade de virada" que aproveitará a experiência operacional adquirida em seus investimentos prévios. Dentre os planos para a rede, está o crescimento internacional da marca, que possui 93 restaurantes no Brasil e pretende abrir 500 franquias na América Latina nos próximos cinco anos.

Hoje, o Burger King possui mais de 12 mil restaurantes no mundo e está presente em mais de 75 países. As informações são da Folha de S. Paulo e do Brasil Econômico, resumidas e adaptadas pela Equipe BeefPoint.